

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL: PRINCÍPIOS, CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS AND INTERACTIONAL SOCIOLINGUISTICS: PRINCIPLES, CONVERGENCES AND DIVERGENCES

Naiara de Souza Ferreira¹

RESUMO: Este artigo objetiva evidenciar as diferenças e semelhanças teóricas entre sociolinguística variacionista e a interacional. Ambas as abordagens veem a língua como uma estrutura variável e mutável de acordo com o uso social da mesma, o que conduz à conclusão de que seus quadros teóricos partem de uma mesma ideia-base. Assim, sociolinguística variacionista e a interacional podem ser ferramentas complementares para a investigação dos fenômenos linguísticos. A conjugação de princípios teóricos e metodológicos dessas duas perspectivas pode trazer a pesquisa científica resultados amplos e mais consistentes.

Palavras - chave: Sociolinguística. Variação. Interacionismo.

ABSTRACT: This article aims to highlight the theoretical differences and similarities between variationist and interactional sociolinguistics. Both approaches see language as a variable and mutable structure according to its social use, which leads to the conclusion that their theoretical frameworks start from the same basic idea. Thus, variationist and interactional sociolinguistics can be complementary tools for the investigation of linguistic phenomena. The combination of theoretical and methodological principles from these two perspectives can bring broader and more consistent results to scientific research.

Keywords: Sociolinguistics. Variation. Interactionism.

INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX, a área da Linguística sofreu mudanças significativas. Os estudos linguísticos passam a se interessar não só pelo sistema da língua em si, mas também pelo seu uso. Surge a partir desse interesse uma das vertentes da linguística, a sociolinguística nasceu entre as décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos, tendo como objeto a fala relacionada aos aspectos sociais, ou seja, como a língua falada se dá nas situações de uso. O interesse despertado por este tipo de pesquisa deveu-se à grande divulgação dos estudos de comunicação, à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade e à divulgação dos estudos de Sociologia e Linguística. O ano-chave para o surgimento da Sociolinguística nos Estados Unidos é 1964, com a publicação de livros de Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright em Los Angeles.

¹ Doutoranda em Língua e cultura. Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Nesta disciplina interessa a articulação dos estudos da língua com os estudos sobre a sociedade. Na perspectiva da Sociolinguística, o ser humano é por natureza plurilíngue, e mesmo quando usa a sua própria língua, esta se apresenta de diversos modos: por exemplo, em casa, usamos o idioma familiar; na escola, modifica-se o modo de usar a língua e interagir com outras pessoas, colegas e professores, que trazem modos de usar a língua diferentes.

De acordo com Bell (1976, p. 28): “A Sociolinguística (distinta da Sociologia da Linguagem) estaria enriquecida com dados de natureza social, o que lhe permitiria ir além da frase, no sentido de uma gramática da interação falante/ouvinte”.

A pesquisa na Sociolinguística é desafiada a tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua na sua modalidade oral e/ou gestual. Podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana (Tarallo, 1982). Este ramo da linguística se ocupa do estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos das línguas.

Foram duas as perspectivas teóricas metodológicas que surgiram em sociolinguística: uma, de cunho mais sociológico, preocupada com a identificação e explicação das relações subjacentes às estruturas sociais e às estruturas linguísticas (variacionista), e outra, de caráter mais antropológico, interessada pelo comportamento linguístico das comunidades à luz de uma dimensão cultural e social (interacional).

A Sociolinguística Interacional e o estudo desta concentram-se nas investigações sobre a linguagem na comunicação entre as pessoas e o contexto ao qual essa comunicação se desenvolve. Com isso, observa-se como o indivíduo reage às situações de interação face a face dentro de certo ambiente social.

Já para a Sociolinguística Variacionista a principal preocupação é com a variação linguística, que ocorre de acordo com o meio social o qual o indivíduo está inserido. Compreende-se como variedade o uso da língua delimitado pelas comunidades de fala, portanto, dentro de uma mesma língua existem diferentes formas de realização da mesma, de acordo com os falantes e seus grupos sociais. Por exemplo, temos a variante padrão, prestigiada e utilizada pelas classes sociais mais abastadas. Em contrapartida, há a variedade dos estratos menos favorecidos financeiramente, de fala menos preocupada com as regras gramaticais normativas.

As duas vertentes são de importância fundamental para o estudo da língua e do reflexo do comportamento social na mesma, apresentam metodologias e focos que a distinguem, mas também compartilham de vários elementos que as complementam.

I UM RECORTE DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Os primeiros esforços no sentido de especificar o objeto de estudo da sociolinguística variacionista devem-se a Willian Bright, linguista americano; no entanto, a ideia de encontrar um modelo capaz de analisar os fatores sociais que atuam na língua e descrever a sua heterogeneidade passou a ter êxito e respaldo somente a partir dos trabalhos de Willian Labov e da sua Teoria da Variação.

Esse modelo de análise surgiu na década de 60 do século XX, recebendo as denominações de Sociolinguística variacionista / quantitativa / laboviana, e se orienta por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala.

Weinreich, Labov e Herzog explicitaram as bases da sociolinguística que visam responder a questões das mudanças linguísticas a partir de dois princípios teóricos fundamentais:

I- O sistema linguístico que serve para uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural, para desempenhar plenamente as suas funções, rompendo, assim, a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade;

II- Os processos de mudança que se verificam dentro de uma comunidade de fala atualizam-se na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observado nesta comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação a variação não implica necessariamente mudança em curso. (WEIRINCH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 45)

A Sociolinguística Laboviana tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguísticos observados dentro de uma comunidade de fala, voltado a um tipo de investigação que relaciona fatores linguísticos a fatores sociais. A partir desse conceito, Mollica (1992, p. 13) define: “Entende-se então a sociolinguística como um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos concretos da língua.”

Tomam-se, como membros de uma comunidade de fala, pessoas que fazem parte de um mesmo grupo, e compartilham traços linguísticos que diferenciam seu grupo dos demais, “são pessoas que entendem a comunicação mais entre si do que com os outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem” (Labov, 1968).

Para os sociolinguistas variacionistas, nas comunidades linguísticas, frequentemente existiram e existirão formas linguísticas em variação, isto é, em co-ocorrência (duas formas usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (formas que concorrem entre si pela predominância). Assim, entende-se por variantes linguísticas as “diversas maneiras de se dizer

a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (Tarallo, 1985). A um conjunto de variantes linguísticas dá-se o nome de variável linguística. Pode haver variação em diferentes níveis da língua: lexical, fonético, morfológico e sintático

A análise sociolinguística variacionista passa, pois, a ser direcionada ao estudo das variações sistemáticas, inerentes, à comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Não existe, portanto, um caos linguístico cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem realizados, pelo contrário, existe um sistema organizado por trás da heterogeneidade e aparente desordem da língua falada (Tarallo, 1985).

Isto implica pesquisar e descrever o tipo de relação entre variantes linguísticas e fatores motivadores dessas variantes, supondo, de um lado, um conjunto de variáveis linguísticas, e, de outro lado, um conjunto de variáveis sociais. Cabe ao pesquisador descobrir quais são as relações existentes entre estes dois conjuntos de variáveis, sistematizando a probabilidade das suas realizações. Nesse sentido, o papel da pesquisa sociolinguística é analisar as variantes e, com base em sólidos argumentos, desmascarar o falso conceito que encara a língua falada como assistemática, atentando-se para a contribuição dos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Quanto aos principais objetivos dos estudos sociolinguísticos, Mollica (1992) destaca que “Cabe à sociolinguista investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Valem dizer, os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos.” (p.11).

A respeito da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (1968) formulam cinco questões teóricas centrais: os condicionamentos, a transição, o encaixamento, a avaliação e a sua implementação. Em linhas gerais, esses problemas podem ser caracterizados da seguinte forma:

O problema dos condicionamentos (*the constraint problem*) diz respeito a alguns fatores que tornam possível prever a direção da mudança, bem como indicar certos universalismos nessa questão.

O problema da transição (*the transition problem*) tenta responder como as línguas mudam, passando de um estágio para outro; busca-se compreender os estágios intermediários da mudança.

O problema do encaixamento (*the embedding problem*) diz respeito ao encaixamento da mudança na matriz social e estrutural.

O problema da avaliação (*the evaluation problem*) refere-se à avaliação social que se faz a respeito de uma determinada mudança e o efeito disso na implementação do processo.

O problema da implementação (*the actuation problem*), considerada a questão mais complexa, tenta explicar por que uma dada mudança ocorre em determinada época e não em outra; buscam-se, pois, os fatores favoráveis à propagação de uma mudança num determinado contexto.

2 UM POUCO DA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

O ato de comunicar-se através da linguagem está na essência da constituição humana, é impensável um indivíduo que seja completamente incomunicável. O estado natural das pessoas, é a capacidade de comunicar sensações, ideias e sentimentos através da linguagem verbal ou não-verbal. O ser humano pode utilizar a linguagem para interagir com outrem ou consigo mesmo. De modo que, mesmo ao falar para si próprio, o sujeito constrói um segundo eu, cuja função é ouvir as mensagens enviadas pelo primeiro eu.

A linguagem é elaborada essencialmente pensando-se no outro, não apenas como um depositário de informações, ou um ouvido disponível numa determinada situação, mas como um co-construtor ou reconstrutor do discurso em produção.

A Sociolinguística Interacional, surge para priorizar uma análise contextual que permita que seus interagentes sejam fontes potenciais de comunicação e cujas ações e intenções de significado, comportamentos verbais e não-verbais sejam compreendidas no contexto imediato. Preocupar-se com a fala como prática comunicativa que possui uma ordem interacional como um nível distinto da organização do discurso constitui uma ponte entre o linguístico e o social. A comunicação é por natureza um processo interativo, e Goffman (1981) já se questionava: Quais são os sinais interativos observáveis pelos quais podemos descrever os tipos de envolvimento que os marca? Que tipos de papéis de fala podemos identificar na interação e como são marcados no nível de comportamento? Quais são os processos dialógicos pelos quais os falantes compartilham conhecimentos e se posicionam em relação aos outros? Quais os papéis desempenhados?

São dois os principais teóricos da Sociolinguística Interacional: o sociólogo Ervin Goffman e o linguista e antropólogo John Gumperz.

Gumperz desenvolveu pesquisas antropológicas relacionadas às diferenças regionais e sociais da língua, não somente baseadas na estrutura da língua, mas também como essas estruturas tomam parte das interações verbais dos grupos sociais, focalizando muitas vezes como os falantes que não compartilham da mesma comunidade discursiva, interpretam e negociam os significados quando se comunicam. Segundo Gumperz (1982), “O que nós percebemos e retemos na nossa mente é uma função da nossa predisposição culturalmente determinada de perceber e assimilar”, sendo assim, cognição e linguagem são afetadas pelas forças sociais e culturais, e a maneira como nós nos comportamos e nos expressamos são reconhecidas e reconhecíveis culturalmente.

Gumperz, portanto, entende que a língua é um construto social e cultural que reflete um nível macrossocial e pode ser analisada em um contexto microssocial. Ele demonstra como a ideologia se faz presente nas práticas de fala, criando um lugar de interação onde atuam processos sociolinguísticos inconscientes e automáticos de interpretação e inferências.

Erving Goffman não desenvolveu trabalhos de análise linguística; no entanto, seus estudos sobre o eu situado e o contexto social são fundamentais para a Sociolinguística Interacional. O estudo de Goffman também tratou do contexto social e interpessoal da interação. Goffman propõe que o eu é um construto social, mais especificamente, um construto interativo. Para ele, o indivíduo assume um papel representacional dentro de um contexto social, ou seja, o indivíduo é um ator social que desempenha uma atividade, em dada ocasião, que serve para influenciar, de algum modo, os outros participantes desse encontro social.

[...] Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser [...] GOFFMAN, (1959, apud RIBEIRO e GARCEZ, 2002, p.79).

Alguns conceitos teóricos que definem a pesquisa da sociolinguística interacional como o de pistas de contextualização de Gumperz e as noções de enquadre e alinhamento de Goffman.

John Gumperz elaborou pesquisas que alicerçaram as bases para a construção de uma teoria da interpretação. Na sua concepção, o contexto é pensado como um processo inferencial e as pistas que o evocam são consideradas como quaisquer marcas verbais e não-verbais que fornecem ao falante/ouvinte um input significativo para tais processos inferenciais. Segundo Gumperz (1982), as pistas de contextualização constituem-se como pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor.

As pistas que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais são:

- a) Pistas linguísticas: a alternância de código, de dialeto ou de estilo, expressões formulaicas, aberturas e fechamentos conversacionais, escolhas lexicais e prosódicas;
- b) Pistas paralinguísticas: ritmo, pausa, hesitação, sincronia conversacional;
- c) Pistas prosódicas: entonação, acento, tom;
- d) Pistas não vocais: direcionamento do olhar, distância proxêmica, gesticulação, movimento corporal.

Na teoria social de Goffman encontramos os conceitos de enquadre, alinhamento e mudança de alinhamento. Estes conceitos nos permitem identificar as posições ou o “status de participação” (Goffman, 1981) assumidos pelos participantes diante de certa elocução em qualquer situação real de interação social.

A ideia de enquadre surgiu com Gregory Bateson, em 1955. Em seu artigo, “*Uma teoria sobre brincadeira e fantasia*”, Bateson (1972, apud RIBEIRO e GARCEZ, 2002) mostra que a função do enquadre é permitir ao ouvinte o entendimento da metagem contida em todo enunciado. Portanto, os enquadres organizam o discurso e orientam os participantes, em relação à situação, indicando como sinalizamos e interpretamos o que é dito e feito. Podemos dizer que os enquadres sinalizam o que está em jogo numa dada situação interacional, fazendo com que os participantes tentem constantemente descobrir onde a interação está situada e o que está acontecendo no aqui e agora. As bases teóricas da análise de enquadres foram estabelecidas por Goffman (1974), ao lançar a obra “*Frame analysis*”.

A noção de footing constitui um desdobramento do conceito de enquadre no discurso. O termo footing representa “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (Goffman, 1981, p. 56).

Essa noção enfatiza a natureza dinâmica do conceito de enquadre, uma vez que no decorrer da interação, há constantes reenquadres e realinhamentos entre falantes e ouvintes, sendo a introdução, negociação, ratificação, sustentação, defesa e mudança de footing (alinhamento ou posição) uma característica inerente à fala natural, seja ela casual (como a conversa espontânea) ou de vínculo institucional (como as interações em atendimentos de centrais telefônicas, sala de aula, em tribunal ou nesta audiência de conciliação). Em seu artigo, “*Footing*”, Goffman desconstrói a concepção tradicional dos papéis de falante (ativo) e ouvinte (passivo). Ele foi o primeiro a demonstrar que a comunicação face a face requer o engajamento de todos os participantes.

Deve-se então salientar dois pontos importantes para a Sociolinguística Interacional. O primeiro é a visão do eu como construto da interação. O segundo ponto é uma distinção entre a informação que é dada intencionalmente através da língua, e a informação que é dada sem intenção através de expressões, gestos, posturas, etc. Com as contribuições de Gumperz e Goffman, podemos entender que as inferências dos falantes são contextualmente situadas, centradas, e que o sentido da interação é co-construído por seus participantes. Na interação, estamos sempre significando e ressignificando nossas identidades, pois é na interação que elas emergem.

3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

As vertentes da sociolinguística, interacional e quantitativa oferecem recortes específicos no vasto mundo de possibilidades de investigação na interface entre a língua e a sociedade.

A vertente quantitativa reúne seus esforços na perspectiva de uma investigação de cunho mais estrutural, é dentro da estrutura linguística que a sócio Laboviana age, buscando caracterizar comunidades e grupos de acordo com a variedade falada por estes. A sociolinguística variacionista, portanto dedica-se a uma análise da língua e quais os fatores sociais que influenciam essa variação, uma pesquisa específica, estuda sobre a frequência e distribuição de certas mudanças sonoras que acontecem na fala de uma comunidade e relaciona a fatores sociais, como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude.

A Sociolinguística Interacional tem interesse em responder perguntas como “o que está acontecendo aqui”, neste cenário de ação humana, do ponto de vista dos participantes. Portanto, se interessa pela ação humana mediante o uso da linguagem e trata de examinar situadamente o que as pessoas estão fazendo umas com as outras. Essa abordagem concebe a fala como substituto para todas as manifestações derivadas da língua, tais como fala propriamente dita, escrita, gestos, expressão facial ou outra, conduziram a investigação na relação mais ampla da sociedade, na medida em que a fala, como um dado social qualquer, constrói-se socialmente, de tal sorte que investigar seus diversos usos significa antes de tudo investigar a organização social na qual fazem parte. Em sua abordagem de investigação e análise da fala e da comunicação predominam orientações metodológicas e procedimentos de descrição e análise usados pela Antropologia na investigação da cultura, como por exemplo, a própria abordagem etnográfica, investiga-se além de evento de fala, evento de comunicação, modo de fala, modo de

comunicação, dentre outros. O privilégio à perspectiva dos participantes da ação social situada distingue o interesse dos sociolinguistas interacionais dos estudiosos variacionistas.

Vale destacar que ambas as abordagens têm como ponto de partida a organização do grupo social investigado como um todo, onde a fala é uma parte dessa organização e tendo como foco as funções e valores da diversidade de usos linguísticos, segundo os falantes de cada instância social. A organização da diversidade de fala em uma dada comunidade implica, pois, a organização dos meios linguísticos e é através dessa organização que se reflete o caráter criativo do uso da língua.

É importante destacar ainda que, a partir do pressuposto básico segundo o qual a sociolinguística estuda a relação entre fatos linguísticos e fatos sociais, tendências gerais dos estudos sociolinguísticos são identificadas com respeito às considerações dessa relação: há as que enfatizam a preponderância da língua sobre a sociedade e as que enfatizam a preponderância da sociedade sobre a língua. No primeiro caso, está implicado o aspecto funcional da língua no sentido em que, conforme tal enfoque, a língua promove a interação social, estabelecendo as relações que tornam possível uma estrutura social numa sociedade. No segundo, revela-se o papel que a língua desempenha nesse processo de interação, tornando possível a reprodução das relações sociais. Assim, a predominância da língua sobre a sociedade se daria na medida em que promoveria as relações sociais e, de outro lado, a preponderância da sociedade sobre a língua se daria na medida em que a língua, com base nas próprias relações sociais, se reproduziria.

Destacando o trabalho de Bortoni (2005) sobre a Sociolinguística na pós-modernidade quando afirma que “[...] a sociolinguística dos anos 90 já não se restringe à explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos.” E que “[...] é a ênfase em seu papel no desvelamento das relações de poder e dominação que constituem e perpetuam as instituições sociais.” (BORTONI, 2005 p.148). Desse modo destaca a Sociolinguística Interacional, “[...] ramo das ciências sociais que faz interface com a linguística, a pragmática, a antropologia (na subárea de etnografia) e a sociologia (nas subáreas de etnometodologia e de análise da conversação)...” (BORTONI, 2005, p. 147).

John Gumperz (1996) postula ainda uma dicotomia, para se entender o lugar da Sociolinguística interacional, em relação aos demais ramos da disciplina Sociolinguística, que se constitui dos “teóricos da ação ou conflito” e dos “teóricos da ordem”. Nesta última, se enquadraria a Sociolinguística Variacionista e na primeira, a Sociolinguística Interacional onde os significados, a ordem, as estruturas evoluem no curso da interação, enquanto nas primeiras, as estruturas são pré-determinadas.

Considerando que diversos estudiosos procuram estabelecer a distinção entre dimensões macro e micro, Bortoni-Ricardo (2005) propõe que se considere como microssociolinguística a parte que estuda preferencialmente a variação e a mudança, e macrossociolinguística a que estuda o processo de comunicação humana e reflete as relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio é o mesmo, toda língua é viva, mutável e interage com a sociedade que a utiliza, no seio da qual se modifica, se adapta e se torna singular, vindo a identificar este grupo. A variação linguística assim é o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem.

A sociolinguística interacional e a sociolinguística quantitativa investigam, cada uma no seu devido lugar, elementos fundamentais para uma pesquisa que atrele a heterogeneidade linguística à diversidade social.

As duas vertentes são de importância fundamental para o estudo da língua e do reflexo do comportamento social na mesma, apresentam metodologias e focos que a distinguem, mas também compartilham de vários elementos que as complementam.

REFERÊNCIAS

- BELL, Roger T, *Sociolinguistics – goals, approaches and problems*. London: Batsford, 1976.
- BORTONI-RICARDO, Maria Stella. *Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- GOFFMAN, Erving . *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GUMPERZ, John J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.1982.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P. *Sociolinguística Interacional*; 2a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1968].